

Aula inaugural

Denise Rothenburg
e Anamaria Rossi
Da equipe do **Correio**

Politicamente correto, ideologicamente desenvolvimentista e eleitoralmente frio. Essa é a descrição mais precisa que se pode fazer do discurso com o qual o ministro da Saúde, José Serra, lançou-se oficialmente candidato à Presidência da República. “Sou o candidato da esperança”, disse Serra. “Nada contra a estabilidade. Tudo contra a desigualdade”, prosseguiu, fornecendo o primeiro bordão de sua campanha à centena de jornalistas que o acompanhava.

Os tucanos fizeram um imenso esforço para demonstrar união no evento de ontem, programado para o pequeno auditório do Espaço Cultural da Câmara dos Deputados. Ali, reuniram-se todos os governadores e estrelas do PSDB. Faltaram apenas o presidente Fernando Henrique Cardoso e o secretário-geral da Presidência, Arthur Virgílio, em viagem ao exterior. “Somos todos um só lema: Serra presidente”, anunciou o deputado Aécio Neves, o anfitrião da festa. Aécio fez um empolgante discurso de apresentação da candidatura, mas não foi capaz de serenar a discórdia que incendia o ninho tucano.

Antes de começar a cerimônia, duas reuniões distintas expunham o racha partidário. Numa delas, o ministro da Saúde, o presidente da legenda, José Aníbal, e alguns integrantes da direção do PSDB esquentavam as baterias em sala anexa ao auditório. Na outra, separados por menos de cem metros o governador do Ceará, Tasso Jereissati, Aécio e o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, debatiam na presidência da Câmara, no primeiro andar, os rumos de uma candidatura para reconstruir a aliança com o PFL e o PMDB.

Serra só se apresentou ao auditório lotado depois de uma breve conversa com Tasso. Ao primeiro abraço, procuraram quebrar o gelo, com frases do tipo “conto com você” e “vamos em frente”. Mas a antiga descontração ficou para o futuro. Tasso era o único tucano ilustre com quem Serra ainda não havia conversado nas duas últimas semanas, em que buscou reaproximar-se dos amigos de quem andava afastado. Na noite de quarta-feira, procurou o ministro da Educação, Paulo Renato Souza. Os dois haviam passado oito meses sem trocar sequer um aperto de mão, desde que Serra incrementara o orçamento de sua pasta com parte das verbas da educação.

Nos 35 minutos em que expôs seu projeto, suas vitórias, obstinação e sinceridade, Serra disse que quer ser presidente porque acredita poder unir “a esperança com a experiência, o conhecimento com a ousadia”.

De uma tribuna montada com um *teleprompter* para que pudesse ler o discurso, Serra apresentou a frase da bandeira do Brasil como slogan de campanha. “A bandeira nunca significou que podemos ter o progresso para alguns e ordem para outros. Se o progresso não for para todos, não haverá ordem para ninguém”, disse.

Em termos políticos, Serra mostrou-se disposto a procurar outros partidos, movimentos sociais e personalidades. Mas a emoção, com que os tucanos desejam ver seu candidato contagiando as ruas, ficou por conta de Aécio, que quase arranca lágrimas de Tasso Jereissati, e de José Aníbal, que homenageou o ex-governador Mário Covas usando uma gravata que fora dele.

Fotos: Sergio Amaral



SERRA TENTOU DEMONSTRAR QUE PODE SER GOVERNISTA SEM CONTINUÍSMO E PEGOU CARONA NA CRISE SOCIAL E ECONÔMICA ARGENTINA. DISSE QUE SEM PROGRESSO NÃO HAVERÁ ORDEM